
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

Prof. Dr. Clovis Garcia

A HISTÓRIA

DA MÚSICA SERTANEJA

NO SÉCULO XX

Gerson Guerra

Dezembro de 2003

SUMÁRIO

Objetivos do Trabalho	1
Dedicatória	2
Origem da Viola	3
Quando a viola chegou ao Brasil	4
Quem é o caipira	5
Língua falada no início da colonização do Brasil	6
Origem da música sertaneja	7
Uma história para ser cantada	8
Mudanças na música sertaneja, ocorridas no século XX	9
Personagens da música sertaneja ate 1960	10
Personagens da música sertaneja entre 1960 a 1980	11
Personagens da música sertaneja entre 1980 a 2000	12
Considerações Finais	13
Biografia do autor e Bibliografias	14

OBJETIVOS DO TRABALHO

O presente trabalho procura dar algumas explicações sobre a Música Sertaneja Brasileira, ou Música Caipira, como alguns preferem chamá-la. Sua origem histórica, personagens principais, **a viola** instrumento básico, e várias outras questões que tivemos oportunidade de pesquisar.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto. Deve ser considerado apenas mais um esforço para mostrar o grande universo cultural no qual se encontra a nossa música caipira. Está aberto para qualquer alteração, correção ou acréscimo por parte daqueles que por sua vivência, possam contribuir para melhor autenticidade desta empreitada.

A Música Caipira pela sua tradição e grandeza de conteúdo está profundamente enraizada na alma do povo sertanejo brasileiro. Por isto merece um estudo bem mais amplo para sabermos toda sua fonte de inspiração poética.

Todos os conhecedores da Música Sertaneja Brasileira são responsáveis pela manutenção desta tradição musical. É uma música nossa, da nossa gente, cabe a todos mantê-la viva e dinâmica como patrimônio cultural do povo Brasileiro. Mesmo porque! *“Ser caipira é a procura constante de voltarmos a ser o que sempre fomos e que afinal somos”*.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho ao irmão Oziel Guerra (Tuta), sem o qual a nossa paixão pela Música Sertaneja não seria a mesma. Ao Professor Dr. Clovis Garcia, ECA/USP, abnegado e apaixonado pela Cultura Sertaneja. Aos meus filhos Eliane, Edgar e Alexandre, à minha esposa Wanda, e a todos os que de uma forma ou outra continuam a manter viva a chama da nossa Música Caipira.

ORIGEM DA VIOLA CAIPIRA

Os instrumentos de cordas (cordofones) existem desde tempos muito antigos.

Na Bíblia os tradutores da “Septuaginta”, intitularam o Livro de Salmos, como sendo, Canções, para serem cantadas acompanhadas de instrumentos de cordas. Davi grande Rei dos Judeus, que viveu mil anos antes de Cristo, compôs vários Salmos para serem acompanhados por instrumentos de cordas. Ex Salmos 4; 6; 55 e vários outros.

Na classificação dos instrumentos de cordas (cordofones) eles se dividem em: cítaras, *alaúdes*, liras e harpas.

Quando se fala em *alaúde*, geralmente há referência ao instrumento de cordas com o corpo em forma de pêra, fundo convexo, cravelhame inclinado para trás em ângulo quase reto com o braço. Todos os *alaúdes*, curtos, médios ou compridos são derivados do *alaúde Egípcio*, o mais antigo do qual se tem referência.

A bibliografia especializada, quando precisa de um termo para englobar os instrumentos de cordas, com estrutura e formato semelhantes ao alaúde, chamo-os genericamente de *alaúdes*. É neste sentido que se fala da grande família dos *alaúdes*, distinguindo-se os curtos os médios e os compridos.

A classificação dos *alaúdes* se dá em relação ao comprimento do seu braço com o corpo. Ex. *alaúde curto* tem o braço mais curto do que o corpo, no médio o corpo e o braço são iguais e no comprido o braço e maior do que o corpo.

Sabemos que os povos Árabes dominaram por (800) anos, toda península Ibérica (Portugal e Espanha), certamente por esta época trouxeram seus instrumentos musicais para a região, principalmente o *alaúde*, que era um instrumento muito popular. Ao serem expulsos no século XV, deixaram sua *cultura* que é visível até hoje na região.

Com o passar do tempo, dependendo da cultura para onde era levado, o *alaúde* foi recebendo modificações. Recentemente vimos uma exibição de instrumentos de cordas por artistas árabes. Eles apresentaram um *alaúde turco* chamado “*Tar*” (do século VI), com seis pares de cordas, muito semelhante à nossa *viola caipira* no seu formato, tendo o corpo cinturado e o braço alongado entrando pelo corpo adentro.

A *viola caipira* sendo um cordofone muito provavelmente tem sua origem no *alaúde turco*, porque várias de suas características se assemelham à *nossa viola*. Ex. formato do corpo; comprimento do braço; forma de tocar dedilhando as cordas e vários pares de cordas.

Logicamente com o passar do tempo a *viola foi-se tornando Brasileira*. Os jesuítas a levaram para todo lugar onde eles estiveram (Japão, China, América do Norte, América Espanhola e África), mas ela é tocada somente aqui no Brasil. Não a encontramos fazendo parte da cultura de nenhum outro povo. **Certamente podemos dizer que esta viola tocada pelo caipira é Brasileira. O formato do corpo, as várias afinações conhecidas, a forma de**

COMO E QUANDO A VIOLA CHEGOU NO BRASIL

Após pesquisarmos vários livros, principalmente sobre “*A história dos Jesuítas no Brasil*”, do Padre Serafim Leite na Biblioteca dos Jesuítas. Verificamos que, a viola foi o primeiro instrumento de cordas trazido para o nosso País pelos portugueses, no ano de 1549, quando da vinda do primeiro Governador Geral do Brasil. Muito provavelmente este instrumento veio com o Padre Manoel da Nóbrega, que era o Geral dos Jesuítas da missão jesuítica no Brasil, e era característica dos jesuítas utilizarem-se da viola (muito popular em Portugal pela época da colonização do Brasil), para fazerem a catequese dos povos colonizados.

No **Regulamento das Aldeias do Brasil**, os Jesuítas descrevem com detalhes como eles ensinavam as crianças índias nas escolas. “*Em todas as Aldeias os padres ensinam as crianças a ler, escrever e a contar, e aos mais hábeis também ensinam a cantar e a tanger instrumentos*. Havia muitos que já tangeriam: flautas, *violas e cravos*. É o que nos informa Serafim Leite através de seu Livro”.

Manoel da Nóbrega esteve em 1552 ou princípios de 1553 na região onde seria fundada a cidade do Rio de Janeiro. Juntamente com alguns estudantes da ordem dos Jesuítas, catequizaram os filhos dos Maracajás na Ilha do Governador, e alguns dos estudantes ensinavam os Índios cantar e tanger a *viola*.

Muito provavelmente na fundação da cidade de *São Paulo* alguns estudantes da ordem dos Jesuítas juntamente com *José de Anchieta*, tocaram *viola*. Anchieta certamente sabia tanger a *viola*, pois esta era uma das características dos padres jesuítas. *O Padre Manoel da Nóbrega* Chefe Geral dos Jesuítas no Brasil, sempre usou a música nas cerimônias religiosas. Por isto, convidou o soldado jesuíta, *Antonio Rodrigues* (grande cantor e instrumentista), para também participar da missa na fundação do Colégio, que deu origem à cidade.

PRIMEIRO VIOLEIRO DO BRASIL

No Brasil a música não era praticada pelos primeiros colonizadores, porque tinham muitas outras prioridades para serem resolvidas. Somente com a chegada dos primeiros *Jesuítas em 1549*, principalmente *Manoel da Nóbrega*, é que começaram os ensinamentos das letras e da música. Os jesuítas procuravam com isto ganhar a simpatia das crianças índias através da música nas escolas, para desta forma atrair o índio adulto.

No estado do Maranhão por volta do ano de 1600 o padre **Diogo da Costa** (primeiro violeiro brasileiro do qual temos informações comprovadas), que sabia cantar e tocar admiravelmente a *viola*, já ensinava os filhos de portugueses, os mestiços e os índios aculturados a cantar, e tanger a viola. O sucesso era muito grande, pois (Serafim Leite), usa a expressão “*Suspendendo os ouvintes nas Festas*”, com as apresentações musicais.

Desta forma podemos crer que as crianças e os jovens índios e mestiços, sendo intensamente treinados na arte de *tocar viola*, pegaram gosto pelo ofício, e até hoje o caboclo brasileiro é um exímio violeiro. Podemos mesmo dizer “*A viola não é mágica. Mágica, são as mãos dos violeiros do Brasil*”.

QUEM É O CAIPIRA

De acordo com o folclorista Cornélio Pires (jornalista que mais estudou os costumes, sentimentos e tradições do povo sertanejo), o caipira não é aquele matuto abobalhado que muitos pensam. Durante o alargamento das fronteiras brasileiras, foi o caipira que tangendo suas tropas cargueiras por caminhos tortuosos e perigosos. Afrontando toda sorte de dificuldades levava e trazia alimentos e notícias por todo este sertão do Brasil.

Devemos ao tropeiro a fundação de centenas de cidades por todo o sertão brasileiro. Deixando suas marcas por todos lugares onde passaram. Os tropeiros eram também o correio do sertão. Num tempo sem estradas eles nunca deixaram de entregar suas mercadorias onde quer fossem necessárias.

Na história de “Jeca Tatuzinho”, escrita por Monteiro Lobato, o caipira foi apresentado como um ser humano vagabundo, sem vontade de trabalhar, doente e desprovido de fibra. Mas a história se encarregou de provar tudo ao contrário. Hoje vemos que o interior é um grande celeiro, e o Brasil é um dos maiores exportadores de produtos agropecuários do mundo.

Cornélio Pires dizia “*Os caipiras são os filhos de nossas matas, de nossos campos, de nossas montanhas, dos nossos vales e de nossos inumeráveis rios. De rara inteligência, bastante astutos. Compreendem e aprendem com muita facilidade*”.

A comprovação da observação de *Cornélio Pires*, também foi feita por muitos empresários estrangeiros durante a industrialização do Brasil, ocorrida na segunda metade do século XX, quando muitos roceiros vieram para a cidade grande à procura trabalho.

EUCLIDES DA CUNHA

O grande escritor do livro *Os sertões*, (que também era Engenheiro), quando precisou construir uma grande ponte metálica na cidade de São José do Rio Pardo SP, juntou todo material necessário para iniciar a trabalho, mas não tinha mão de obra especializada.

Sábio, experiente e conhecedor dos sertanejos, ele contratou simples roceiros e os ensinou a serem: ferreiros, forjadores, pedreiros e até mestres de obras. Com estes, agora profissionais, construiu a ponte que esta de pé até hoje. É de Euclides da Cunha a expressão. “*O sertanejo antes de tudo é um forte*”.

Durante a década de 1960 a 1970, quando trabalhamos como Gerente Industrial em uma empresa multinacional, observamos bem de perto a facilidade de aprendizado do caipira.

Em certo período tivemos que contratar muitos funcionários, e como estávamos na época do famoso “milagre brasileiro”, havia falta de mão de obra especializada. Após algumas reuniões, sugerimos a empresa treinarmos nossos próprios profissionais.

Contratamos operários vindos do interior dos Estados de: São Paulo, Paraná, Minas Gerais e principalmente do nordeste brasileiro. Desta forma após treinamento pudemos contar com uma fonte inesgotável de profissionais, com boa formação técnica e muita vontade para trabalhar.

A LÍNGUA FALADA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL

Foram os jesuítas que a partir da cidade de São Vicente SP impuseram a todos os aldeamentos, uma única forma de falar. Portanto, as diferenças existentes entre as línguas de cada tribo Tupi e Guarani, foram sendo unificadas, criando-se um instrumento de comunicação entre as várias tribos e os missionários portugueses. Criou-se então uma verdadeira *língua geral*, que pela costa atlântica desceu para o sul do país.

Os jesuítas resolveram seu problema de comunicação, mas algumas palavras tiveram que ser adaptadas pelos seguintes motivos. O **Tupi**, e muito menos o seu dialeto **Guarani** não tinham escrita. Tiveram os Jesuítas então que escrever os sons que ouviam diretamente da boca dos índios. Um dos problemas encontrado foi. O Tupi e o Guarani não possuíam sons referentes às letras: F, L, LH, RR, V, Z. Como podemos imaginar era uma grande dificuldade para ser suplantada. Mas, o índio falava algo parecido com o fonema Y.

ORIGEM DO “SOTAQUE CAIPIRA” PORQUE ELE TROCA O LH PELO I, E NÃO PRONUNCIA FORTEMENTE A LETRA R.

Como o som representado pela letra **L** não fazia parte dos idiomas Tupi e do Guarani, os mestiços (criados pelas mães índias), e os próprios índios cativos, começaram a substituí-lo pelo som da letra **Y**, que eles conheciam. Desta forma a palavra *mulher*, passou a ser “*muyé*”, os missionários entenderam “*muié*”. Como o som era parecido, passaram pronunciar da forma indígena. Assim todas as palavras que tinham **L** passaram a ser pronunciadas com a vogal **I**. - Ex. palhaço = *paiaço* - colher = *cuié* - filho = *fio*.

No que se refere à letra **R**, o Índio sempre pronunciou uma forma branda e apassivada deste som, porque ele não pronunciava o **R** forte = **RR** (Ex. ao pronunciar a palavra Araraquara, nós também usamos o som da letra **R** de uma forma branda e apassivada).

Destas substituições de sons se originou o *sotaque caipira*, porque o caboclo é descendente direto do Índio. Em consequência da aculturação, e, com o maior desenvolvimento desta parte do Brasil, os bandeirantes partindo sempre de São Paulo e falando este *sotaque*, o disseminaram em suas viagens por quase todo o país.

Mais tarde quando os jesuítas foram expulsos do Brasil por ordem do Marquês de Pombal, então Primeiro Ministro de Portugal. O governo Português fez uma tentativa forçada de eliminar esta forma de falar do povo. Depois de ameaças, prisões e muitas substituições de professores, conseguiu-se nas cidades mais importantes mudar a forma do povo falar.

No interior do País não houve jeito. O povo resistiu tenazmente porque já estava muito apegado a este modo de falar o português apassivado pelo Tupi, e pouca coisa mudou no seu linguajar característico. Com o passar do tempo foi-se formando um *sotaque caipira* falado em muitos Estados do Brasil, que podemos chamá-lo de dialeto **TUPINGUÊS**.

Por isto todos os que moram no interior, mesmo que sejam imigrantes, falam o português com o *sotaque caipira*. Conhecemos muitos doutores e professores que moram no interior e também pronunciam o português com o *sotaque caipira*.

ORIGEM DA MÚSICA SERTANEJA

Numa simplificação, pode-se dizer que a música caipira surgiu do encontro dos rituais católicos com as danças ameríndias, a partir dos primeiros contatos entre os jesuítas e os indígenas, no século XVI. Com o intuito de catequizar os índios, o padre *José de Anchieta* já teria utilizado ritmos nativos, como o cateretê para cantar os textos religiosos tupi.

No século seguinte, com a chegada de escravos negros, começou a ser incorporada também à influência africana.

Dessa mistura inicial, do africano escravizado num martírio contínuo, do português exilado e sentimental, do bugre perseguido e cativo, surgiram os ritmos mais comuns no interior dos Estados do Sudeste e Centro-Oeste, como a *moda de viola*, o *cururu*, o *arrastapé* e outros, observados e descritos no século XIX por vários pesquisadores em festividades religiosas como a Folia de Reis e a Festa do Divino.

Mas, apesar dessa origem antiga, costuma-se utilizar o ano de 1929 como um marco inaugural da música sertaneja ou caipira. Nesse ano foi lançado o primeiro disco sertanejo, contendo, de um lado um desafio e de outro um cateretê, gravado pelos cantadores, *Sorocabinha e Mandi*. Ali já estava a música sertaneja num formato próximo ao que ainda é utilizado hoje em dia, com vozes *cantando em terças* e o acompanhamento da *viola caipira*.

O grande responsável pela iniciativa foi o jornalista e escritor paulista *Cornélio Pires*, apaixonado pelas manifestações folclóricas brasileiras.

Há, nesse episódio, um dado curioso. A música sertaneja que se tornaria mais tarde uma das mais importantes bases de sustentação do mercado fonográfico brasileiro, foi inicialmente desprezada pelas gravadoras.

Após buscar, sem sucesso, o patrocínio delas para a empreitada, (na verdade uma série de discos contendo não apenas canções, mas anedotas caipiras), *Cornélio Pires* resolveu bancar sozinho os discos. O rápido sucesso que obtiveram no interior, logo despertou a atenção das gravadoras, que então começaram a se dedicar a esse filão.

O trabalho de *Cornélio Pires* foi influência decisiva para o surgimento das duplas *Torres e Florêncio - Tônico e Tinoco - Tião Carreiro e Pardinho*, que por sua vez influenciaram toda uma grande geração de violeiros e cantadores, e muito contribuíram para a difusão nacional da música sertaneja.

Tônico e Tinoco são os Mestres da Música Sertaneja Brasileira. Todas as duplas, famosas ou anônimas beberam dessa *fonte de água limpa*, e até hoje, mais de 70 anos depois do início de suas carreiras, são reverenciados por todos os brasileiros.

Com o falecimento de Tônico em 1994, Tinoco formou dupla com seu filho adotivo Tinoquinho, e continuam a ser referência da longevidade deste estilo musical.

UMA HISTÓRIA PARA SER CANTADA

A melhor forma de contar a história da música Sertaneja talvez seja cantando. De preferência uma moda de viola, (definida por Mário de Andrade como “poesia cantada com acompanhamento de viola”), gênero que geralmente traz em suas letras narrativas saborosas e cheias de peripécias.

Afinal, é difícil escolher modo melhor de transmitir a trajetória de um estilo musical que saiu dos pés das fogueiras da roça, subiu nos picadeiros dos circos e foi, aos poucos, se espalhando pelos programas matinais de rádio, pelas velhas vitrolas das fazendas, pelos toca fitas dos caminhoneiros e conquistando enfim um público quase do tamanho do país.

Antes de começar a contar essa história, porém, convém definir qual é a música sertaneja brasileira ou caipira, questão que às vezes causa alguma confusão. Isso porque há dois rótulos envolvidos: *música de raiz e sertaneja*.

Durante muito tempo, a música rural das regiões, sudeste e centro-oeste do Brasil era chamada quase indistintamente *caipira ou sertaneja*. Mas esse estilo musical passou a abrigar tendências cada vez mais distanciadas das origens culturais caipiras, e houve necessidade de estabelecer uma diferença entre a *tradição e a novidade*.

DIFERENÇA ENTRE A TRADIÇÃO E A NOVIDADE

Assim, de um lado ficaram aqueles que, por exemplo, utilizam instrumentos eletrônicos no lugar da viola, falam mais de amor do que da terra, e até amenizam o sotaque do interior, como: *Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano*, e vários outros. Esses são os modernos sertanejos, que recebem grande influência da “*Country Music*”. Mas são mais classificados como músicos e cantores românticos que cantam ao estilo sertanejo, ou seja: “*dueto de duas vozes em terças paralelas que é característica marcante da música sertaneja brasileira*”.

Do outro lado ficaram os mais tradicionais ligados às origens, como: *Tonico e Tinoco, Tião Carreiro e Pardinho, Pena Branca e Xavantinho, Tuta e Tota, Zico e Zeca, Liu e Léu, Lourenço e Lourival, Inezita Barroso* e vários outros. A música tradicional feita e cantada por estes, passou a ser chamada de *Raiz ou Caipira*.

A rigor, contudo, talvez fosse mais correto dizer que há um grande universo genérico chamado Música Sertaneja. E, dentro dele, há um segmento chamado Música Caipira ou Raiz, que é a origem de todo esse universo.

Estudaremos a seguir as influências recebidas e mudanças ocorridas na música sertaneja durante o século XX.

INFLUÊNCIAS NA MÚSICA SERTANEJA NO SÉCULO XX.

Cornélio Pires foi o maior divulgador da cultura caipira nas primeiras décadas do século. Escreveu livros, fez palestras e representou o roceiro em monólogos criados por ele. Montou caravanas de violeiros, cantadores e humoristas, e percorreu muitos cantos do país, especialmente o interior paulista, apresentando-se em palcos nobres ou nos picadeiros dos circos pobrezinhos dos vilarejos. Não lhe faltavam plateias. Já era prestigiado no mundo intelectual e artístico, quando resolveu investir mais fundo na cultura caipira.

No ano de 1929, metendo a mão no próprio bolso iniciou a prensagem dos primeiros discos de música caipira, gravados por autênticos cantadores do interior e por ele próprio.

O sucesso foi tão grande e fez com que vários cantadores que moravam no interior mudassem para São Paulo para cantar nas Emissoras de Rádio que se iniciavam, as músicas caipiras que eles conheciam muito bem.

Desta forma foram surgindo as primeiras e famosas duplas caipira tais como: *Raul Torres e Florêncio - Tônico e Tinoco - Tião Carreiro e Pardinho*, e muitas outras. Até o ano de 1960 não havia grande influência de qualquer 'música estrangeira, predominava as modas de viola as toadas os cateretês os cururus etc.

PRIMEIRAS MUDANÇAS A PARTIR DE 1960

A partir desta data 1960 começaram a surgir os primeiros sinais da influência da música estrangeira, principalmente da música mexicana. Nesta época surgem as duplas: *Pedro Bento e Zé da Estrada - Milionário e José Rico - Léo Canhoto e Robertinho* e muitas outras.

A mistura da música mexicana à música caipira, até que resultou em algo agradável, porque toda esta influência veio sem nenhum sentido de *colonização cultural*, e o sertanejo brasileiro as aceitou porque havia poucas modificações na temática ou no modo de cantar da nossa música.

A GRANDE MUDANÇA 1980

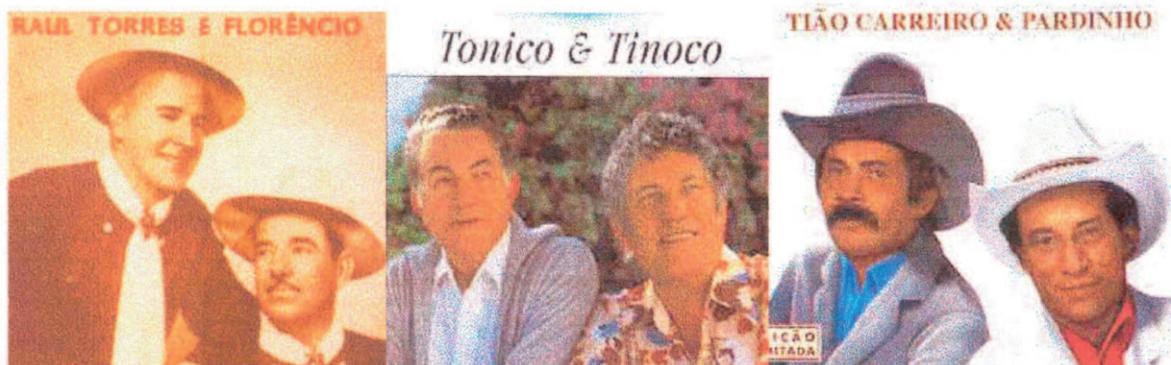
A grande mudança na música sertaneja brasileira começou a acontecer depois dos anos 80. As gravadoras e as grandes redes de televisão, percebendo que este seguimento musical tinha público cativo, investiram pesadamente em jovens duplas. Sob forte influência da Country Music, toda estrutura da música caipira foi modificada.

Até hoje povo verdadeiramente sertanejo não conseguiu aceitar esta influência, principalmente porque ela veio com um sentido de *Colonização Cultural*.

As principais duplas surgidas com este movimento Country são: *Chitãozinho e Xororó - Leandro e Leonardo - Zezé Di Camargo e Luciano*.

A Mídia Globalizada e seus produtores continuam com o *massacre cultural* conforme foi planejado inicialmente, esperando a capitulação total da nossa cultura.

PRINCIPAIS PERSONAGENS ATÉ 1960



TORRES E FLORÊNCIO - Raul Torres de Botucatu SP e João Baptista Pinto de Barretos SP, com os nomes artísticos de *Torres e Florêncio*, formaram por volta de 1935, a primeira dupla caipira de grande sucesso no disco e nas rádios de São Paulo. Tiveram por muitos anos um programa na Rádio Record SP, onde três vezes por semana tinham audiência cativa de todos os ouvintes admiradores deste gênero musical. Este programa de rádio durou mais de 25 anos e a influência desta dupla foi decisiva para o surgimento de toda uma grande leva de violeiros por todo este País. *Torres e Florêncio fizeram* tanto sucesso, que suas músicas até hoje são cantadas por todos os cantores tradicionais, e até os já influenciados pela Country Music. Principalmente o clássico, *Cabocla Teresa*. As últimas apresentações desta famosa dupla caipira foram no início dos anos 70, pois ambos faleceram pouco depois.

TONICO E TINOCO - Se há um caminho clássico a ser trilhado por uma dupla sertaneja, ele foi inventado por Tônico e Tinoco, que são os nomes de batismo dos irmãos João e José Peres, naturais de Botucatu, SP. Trabalharam na roça, e nas horas vagas cantavam músicas de viola nas festas da região.

A carreira de violeiros de *Tônico e Tinoco* foi iniciada a partir de 1940, quando já morando na cidade de São Paulo, venceram um concurso e passaram a cantar no rádio. De lá até 1994 quando Tônico veio a falecer, foram mais 500 discos gravados e mais e milhões vendidos. *Chico Mineiro* é o maior sucesso da dupla.

Tônico e Tinoco trabalharam em várias rádios de São Paulo, tiveram um programa de televisão chamado "Na Beira da Tuia" na TV Record e produziram várias longas-metragens, como: *A Marca da Ferradura, Lá no Meu Sertão, Os Três Justiceiros e Marvada Carne*.

TIÃO CARREIRO E PARDINHO - Em uma apresentação de Tônico e Tinoco em um circo, o Mineiro José Dias Nunes de Monte Azul MG interessou-se pela viola caipira, ao ouvir os belos sons nas mãos de Tinoco. Nascia artisticamente naquele momento *Tião Carreiro*, o melhor e o mais famoso violeiro do Brasil.

Alguns anos mais tarde, ele ouviu cantar em um circo, Antônio Henrique de Lima da cidade de São Carlos SP, no mesmo instante convidou-o a ser seu parceiro, e escolheu para ele o nome de *Pardinho*.

Tião Carreiro e Pardinho - Formaram uma dupla sertaneja de estilo diferente de todas as surgidas até aquele instante. Os sons graves da voz de Tião Carreiro e os discretos agudos de Pardinho se sincronizavam tão perfeitamente que encantavam a todos os que podiam ouvi-los cantar. O sucesso foi enorme e mesmo após o falecimento de ambos, são os artistas mais ouvidos nas rádios do País.

PRINCIPAIS PERSONAGENS ENTRE 1960 e 1980 “Período de influência Mexicana”

Pedro Bento & Zé da Estrada Leo Canhoto & Robertinho



PEDRO E BENTO E ZÉ DA ESTRADA – Joel Antunes (Pedro Bento de Porto) Feliz SP. Valdomiro de Oliveira (Zé da Estrada de Botucatu SP). Junto com Célio Cassiano Chagas (Celinho), formaram um conjunto que recebeu total influência da música mexicana. Apesar do sucesso com músicas Brasileiras, o trio adotou trajes e músicas típicas dos rancheiros mexicanos. Gravaram mais 80 discos 15 CDs. Trabalharam em rádios e TV e fizeram um filme (Os Três Boiadeiros). A música **Seresteiro da Lua**, é o maior sucesso.

MILIONÁRIO E JOSÉ RICO – Romeu Januário de Matos, de Monte Santo MG o *Milionário*, e José Alves dos Santos, de São José do Belmonte PE o *José Rico*, encontram-se em São Paulo, ambos trabalhando como pintores de paredes. Como já eram cantadores perceberam que suas vozes se encaixavam perfeitamente, a voz aguda e estridente de *José Rico* formava com a voz serena do *Milionário* um de dueto maravilhoso e diferente.

O sucesso não foi de imediato, mas quando veio, foi estrondoso! Venderam milhões de discos, cobravam altos cachês para se apresentarem nos Shows. Viajaram por diversos países, e fizeram grande sucesso na China, onde estiveram por mais de uma vez. A música **Estrada da Vida** é o maior sucesso da dupla.

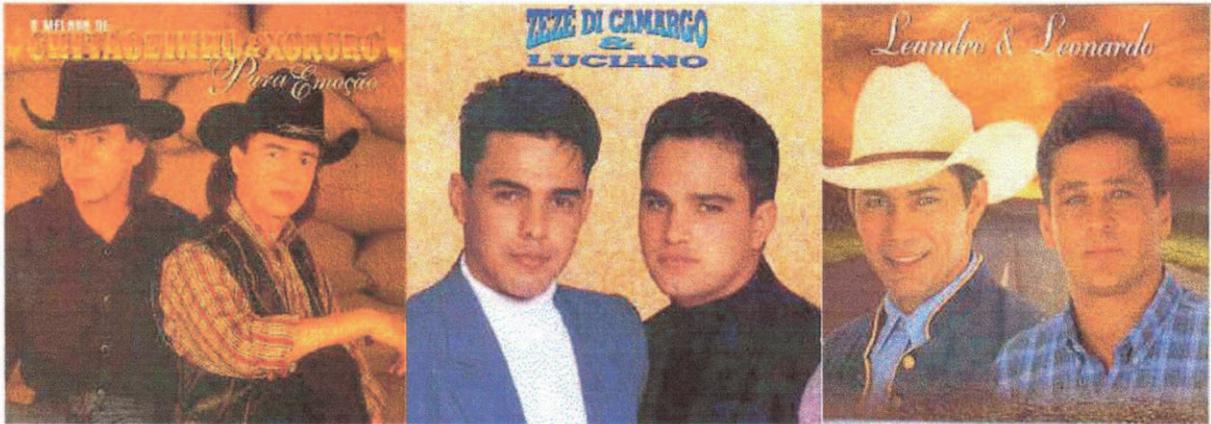
Milionário e José Rico inovaram na parte profissional, *José Rico* sempre se apresenta de óculos escuros e barba crescida, *Milionário* com um chapelão estilo texano.

LÉO CANHOTO E ROBERTINHO – Leonildo Sachi, de Inhumas SP (Léo Canhoto) e José Simão, de Água Limpa GO (Robertinho), formaram uma dupla totalmente influenciada pela Country Music. Procuraram romper com toda estrutura musical sertaneja até então existente e adotaram o estilo country no modo de cantar e de se vestir. Nos arranjos das músicas sobre os temas mais variados as guitarras marcavam o som. Tiraram a viola de suas canções. Rompendo definitivamente o tênue fio que ainda separavam a música sertaneja brasileira do country americano.

Quando pararam de cantar, já tinham marcado o mundo sertanejo pelas atitudes, os elementos do rock e a invenção do banguê-banguê caipira. Léo Canhoto e Robertinho achavam que a música sertaneja brasileira não caía no gosto da classe média e por isto eles a trocaram pelo estilo country.

São os iniciadores do movimento **Rock Sertanejo**, que vemos hoje nos horários nobres das rádios e TVs do Brasil.

PRINCIPAIS PERSONAGENS ENTRE 1980 e 2000 “Período da influência da Country Music”



Antes de falarmos sobre este período da música sertaneja, é necessário que façamos alguns comentários. O Brasil Rural deste período não era mais o mesmo das décadas anteriores. A agricultura Brasileira tinha-se modernizado e agora era o carro chefe do País nas Exportações. Os dólares da Agroindústria irrigavam todo o interior, e o PIB deste setor era muito maior do que o PIB da Área Industrial das Regiões Metropolitanas.

Desta forma surgiu uma classe de milionários principalmente os Pecuáristas e os produtores do Feijão Soja.

Com a Globalização das informações e dos *negócios*, o interior passou a ser também um lugar para *Megaeventos*. Assim foram criadas centenas das chamadas. “Festas de Pião de Rodeio”. Estes *negócios* passaram a atrair mais público que os próprios jogos de futebol.

Os empresários de Shows perceberam que o interior era uma ótima oportunidade de ganhar dinheiro, e eles precisavam criar novas atrações artísticas.

Juntando os interesses das Gravadoras, Televisões e Empresas da Agroindústria, houve investimentos maciços em artistas jovens, talentosos e bonitos, contanto que os novos talentos aceitassem todo tipo de influências em suas carreiras.

Assim surgiram muitos artistas cantando ao estilo Country Music, dos quais os mais importantes são os que se seguem.

CHITÃOZINHO E XORORÓ – Irmão nascidos em Astorga PR Formam a mais famosa dupla de cantores deste período. Fazem milhares de Shows, vendem milhões de CDs. Cada apresentação não sai por menos de R\$ 100.000,00. Viajam em avião próprio e são milionários. É só ligar a televisão que podemos vê-los a toda hora.

LEANDRO E LEONARDO – Alourados, de olhos claros e bonitinhos, como pedem a era televisiva, irmãos nascidos em Goianópolis GO, seguiram na mesma linha de Chitãozinho e Xororó, conquistaram o Brasil. Quando Leandro morreu em junho de 1998, foi uma verdadeira comoção Nacional. No seu velório até a Presidente da República compareceu.

ZEZÉ Di CAMARGO E LUCIANO – Irmãos nascidos em Pirinópolis GO, tem trajetória semelhante aos anteriores. Principalmente Luciano que sepultou de vez a imagem do sertanejo com a viola. Quando se apresentam fazem movimentos sensuais que em nada lembram uma dupla sertaneja brasileira. São semelhantes às bandas americanas de Rock.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação deste breve trabalho, um minuto de reflexão para podermos dimensionar o estudo feito sobre a música sertaneja. Uma pergunta nos vem a mente! A música sertaneja deve continuar se transformando em *Country Music*, ou a interpretação cultural de uma sociedade deve ser respeitada por esta mesma sociedade?

A reescrita que um povo faz de seus próprios valores, costumes, tradições e anseios, atravessam as fronteiras do espaço simbólico, para se alojar no seio da legitimidade, e da verdade de seu próprio existir. *A manifestação cultural é a alma de um povo.*

Numa época em que os valores absolutos e perenes, consagrados pela própria natureza humana, entram em choque com tendências estranhas, num total desconhecimento do que seja o ser humano, cabe a cada núcleo social estabelecer seus próprios critérios de conduta.

Por isto concluímos com toda certeza qual o caminho que devemos trilhar, para atingirmos nosso Reino Encantado. A música sertaneja deve continuar com toda a pureza que o nosso caipira conhece muito bem. Porque ela é o rosto daquelas pessoas que a fazem, é o nosso rosto, são nossas raízes históricas. *E raízes são para segurar a árvore, sem elas a árvore cai e morre.*

GERSON GUERRA - AUTOR DESTE TRABALHO

Possui formação superior em Administração de Empresas, com Pós-graduação em Administração da Produção e Produções Mecânicas. Foi Professor Universitário no Curso de Administração de Empresas na UNI A de Santo André, nas matérias de Administração de Produção, Planejamento, Controle da Produção e Estratégia Empresarial.

É Palestrante, Pesquisador, Compositor, Violeiro e Cantor da Música Sertaneja. Forma com seu irmão Oziel Guerra, há quarenta e cinco anos, a dupla Sertaneja **Tuta e Tota**. Atualmente faz Pós Graduação na ECA/USP, e trabalha na realização do Projeto VIOLAS E VIOLEIROS, em parceria com o Ministério da Cultura.

Tuta e Tota são irmãos cujos nomes de batismo são, respectivamente, Oziel Guerra e Gerson Guerra, filhos de Augusto Guerra (italiano) e Maria Arca (espanhola), naturais da cidade de Avaré, SP, de onde vieram ainda jovens para a cidade de São Paulo. Assim como faziam nas fazendas e sítios onde moraram, continuaram na cidade grande a cantar as músicas sertanejas. Desta forma, começaram a cantar em programas de rádio. Produziram programas nas Rádios Record, Tupi, Nacional (atual Globo) e se fixaram a partir do ano de 1960 na Rádio Bandeirantes, na qual, com um programa próprio, ("**BOM DIA SERTÃO**"), permaneceram até o ano de 1995.

Gravaram diversos discos e CDs, e o Tuta, neste período, se revelou como um dos melhores compositores da música sertaneja, com mais de trezentas canções gravadas com as mais importantes duplas da música sertaneja, tais como Tonico e Tinoco, Zico e Zeca, Liu e Léu, Lourenço e Lourival e outros não menos importantes. Tuta e Tota continuam a participar ativamente dos programas de rádios e TVs.



TUTA E TOTA

"As vozes que cruzam o Sertão"

CONTATO PARA SHOWS

Tuta (011) 4075 1162

Tota (011) 4472 8215

BIBLIOGRAFIA

Miller René Fulop: Os Jesuítas Seus Segredos e Seu Poder

Nepomuceno Rosa: O Caipira da Roça ao Rodeio

Andrade Julieta: Cocho Mato-Grossense um Alaúde Brasileiro

Pires Cornélio: Conversas ao Pé do Fogo

Leite Serafim: A História dos Jesuítas no Brasil

Prof. Dr. Bueno Francisco da Silveira: Vocabulário Tupi / Guarani / Português

João Ferreira de Almeida: Bíblia Sagrada 'tradução'.